



Reunião clandestina, óleo s/tela, 1947 - MD

...ou é sempre princípio

Exposição de pintura de Mário Dionísio

em diálogo com o seu romance *Não há morte nem princípio*

27 de Setembro / 20 de Abril

ESTAÇAO DE PRODUÇÃO
STA. MARIA MAIS R.

LISBOA

CASA
DA
ACHADA

rua da achada, nº11 - lisboa

2025

**Num pingo de verniz
o mundo inteiro cabe**

**O que se sabe e não sabe
o que se diz e não diz
luz um momento só**

**que enquanto o brilho escorre
e se cobre de pó
o encanto desfaz-se
dir-se-ia que morre**

**Mas o que ali floresce
não mais se apaga ou esquece**

**E o que se diz e não diz
o que se sabe e não sabe
na baça luz do verniz**

enquanto morre renasce

Mário Dionísio, *Memória de um pintor desconhecido*, 1965



A visita inesperada, 1963

...ou é sempre princípio exposição de pintura

de 27 de Setembro de 2025 a 20 de Abril de 2026

Esta é uma exposição de pintura de Mário Dionísio em diálogo com o seu único romance, *Não há morte nem princípio*, editado em 1969.

Aqui estão obras dos anos 60 em diante, altura em que Mário Dionísio pinta o seu primeiro quadro abstracto, *A visita inesperada*, um óleo sobre tela de 1963. Exibe-se também uma pintura anterior, de 1947, que tem relação com as pesquisas artísticas deste poeta- -pintor e com assuntos presentes no romance, da luta clandestina contra o fascismo à transformação do mundo: um quadro que fizemos questão de mostrar de perto, chamado *Reunião clandestina*.

Escolhemos para esta exposição muita pintura dos últimos anos da vida de Mário Dionísio, em que se podem encontrar paralelos com as inovações formais de *Não há morte nem princípio*, mas também correspondências com a sua poesia (*Memória de um pintor desconhecido*) e com as suas reflexões sobre arte e sociedade (no ensaio *A paleta e o mundo* ou no seu diário *Passageiro Clandestino*).

Esta exposição é também um convite a ler Mário Dionísio e a «olhar e ver» a sua pintura, como a Casa da Achada tenta fazer desde a sua abertura ao público, há 16 anos. Os ecos da pintura sobre o romance e, no sentido inverso, da escrita sobre as cores, são aqui apenas sugeridos e terão de ser caçados pelos visitantes, com os seus modos de ver, pensar e sentir.

Em 1987, Mário Dionísio escrevia:

«Contar a minha vida. Sempre que me falam nisso, imagino-me sentado num banco de cozinha, com um grosso camisolão, ombros caídos, a olhar por **uma janela alta e estreita o que ela deixa ver da floresta**. Alguém deixou um machado na pequena clareira em frente da janela. Andarão a rachar lenha. Grandes aves esvoaçam lá por fora, não muito alto decerto. E, além disto, silêncio. O profundo silêncio do que não volta mais. Mas que floresta? Nunca vivi em nenhuma floresta. Nem sequer perto de. Talvez uma lógica interna — penso então — comande os próprios desmandos do nosso pensamento. E esse indivíduo mais ou menos ruço, no meio da cozinha lajeada, **olhando o que não existe, queira dizer apenas que tudo foi bastante diferente do que eu teria desejado**. Ou será

*a suspeita (uma quase certeza) de que contar a nossa vida é impossível. Por isso, à ideia de lembrar o que vivi e como, correrei a meter-me na pele de um qualquer em que mal me reconheço. É o que se chama **atropelamento e fuga**.»*



Esta inesperada introdução à autobiografia de um homem de quem é sempre recordado o extremo rigor intelectual e ético exprime, em contraponto e por meias palavras totalmente inteiras, o trajecto de alguém que veste muito cedo a pele do escritor, do professor, do crítico literário — cumprindo com talento e brio o programa narrativo que decorre dessa escolha — mas a quem a paixão pela pintura vai lenta e imperativamente «obrigar» a uma mudança de rota, cujo pico desenfreadamente lírico mora no poema PINTO do livro por parádoxo intitulado MEMÓRIA DE UM PINTOR DESCONHECIDO.

Esse notável poema anuncia, como já alhures arrisquei afirmar, em função de uma lógica especular de memória do devir, toda a aventura da prática da pintura abstracta ainda não efectivamente vivida na primeira pessoa, com um detalhe dramatúrgico deveras pasmoso. Na verdade, embora uma tela como REUNIÃO CLANDESTINA, datada de 1947, indicie já uma passagem para o pensamento plástico da abstracção, só nos anos 60 do século XX, na sequência do colossal trabalho envolvido na redacção de A PALETA E O MUNDO – longo ensaio inextricavelmente ligado à ruptura com os paladinos da supremacia do conteúdo a

que a forma estaria enfeudada – se cumpre na pintura de Mário Dionísio o desejo de abstracção (e toda a carga de sensível prioritária na vertente lírica desta linha de trabalho pictórico).



Em 1969, Mário Dionísio surpreendeu com o seu romance NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO, sublimando sob uma forma muito menos obviamente mas muito mais objectivamente plástica do que ousaram fazê-lo os autores do Nouveau Roman, ainda na berra, os ruídos e rugidos do mundo. E essa audácia está intimamente ligada à revolução que ele fabrica dentro de si e nesse outro domínio das formas de expressão que é a pintura.

Transbordando telas e acolhendo na escrita o caleidoscópico mundo que visita o poeta, o político, o pintor, o professor, Mário Dionísio desdobra até ao final da sua vida a mais radical das lições no quadro: **ousar, por todas as sendas e atalhos, vir a ser o que se é.**

Regina Guimarães

esse mundo proibido de brancuras e escuridões misteriosas, que não chego a ver bem com medo de que me vejam, não quero olhar, não resisto a olhar, são três horas da manhã, no mostrador muito branco do relógio por cima da secretária o ponteiro grande salta das doze para as doze e um, «o que é que o senhor deseja?», que não batam assim num homem neste estado, seus patifes, um homem que entra em braços, com a cara toda em sangue, batas brancas correndo, levam o homem, arrastam-no lá para dentro, portas batem, ficam a bater sozinhas no silêncio esse mundo proibido de brancuras e escuridões misteriosas, que não chego a ver bem com medo de que me vejam, não quero olhar, não resisto a olhar, tudo é agora plano, branco, imenso, os passos perdem-se na neve, não se ouvem, é escusado gritar, abres a boca em vão, não consegues gritar, nem há ninguém que ouça, é inútil gritar, mas tens sangue na cara, na brancura áspera da parede, o rectângulo negro da porta escancarada, nenhum rumor lá dentro. uma nesga de rio, muito larga ou, antes, muito alta, mais alta do que larga, luminosa, velas brancas, aventura ao alcance da mão, suponhamos que sim, e estes cubos brancos, acinzentados, esverdeados pela chuva, com portinhas de ferro ou vidro, as senhoras idosas saem, entram, também estão aqui, mudam a água às flores, limpam o pó, sempre no mesmo dia, discretamente, escrupulosamente, já se conhecem, já contaram a vida toda umas às outras, esse mundo proibido de brancuras e escuridões misteriosas, que não chego a ver bem com medo de que me vejam, não quero olhar, não resisto a olhar, outras senhoras baixas e obesas, vestem de preto, ou roxo, uma ou outra de preto com pintinhas brancas, varrem escrupulosamente um metro de passeio à frente das suas portas, não há ninguém que ouça, a voz congela, embebe-se depois na neve baça mas brilhante, tão brilhante que não consigo olhá-la, a neve muito branca e logo suja, apenas esbranquiçada, vertical, no estuque sujo tudo é agora plano, branco, imenso, os passos perdem-se na neve, não se ouvem, é escusado gritar, abres a boca em vão, não consegues gritar, nem há ninguém que ouça, é inútil gritar, mas tens sangue na cara, fazer o que os outros acham bem que se faça, o primeiro cabelo branco, as rugas que aparecem, esses parvos que olham para nós na rua, que se voltam, dizem graças entre dentes, despejam na mão os comprimidos brilhantes, dum branco subitamente luminoso, fascinante, noite em branco, os hospitais, a esquadra, este calor, esta chuvada, o calor outra vez, não há ninguém que ouça, a voz congela, embebe-se depois na neve baça mas brilhante, tão brilhante que não consigo olhá-la, a neve muito branca e logo suja, apenas esbranquiçada, vertical, no estuque sujo, a toalha muito branca está húmida ainda do champanhe entornado, ela sorri tão ternamente, tão dolorosamente, a areia ficou mais branca, tudo se passa agora entre o branco e o cinzento, com vagas intromissões dum verde de alga em que os pés escorregam, com o sal a arder numa pequena ferida que se fez na véspera, quando andámos, muito cedo ainda, na vastidão feliz da maré baixa, taças abandonadas na toalha muito branca, uma delas voltou-se na alegria do momento, grandes montes de estuque na alcatifa, caliça por toda a parte, pela parede do fundo vê-se a noite, esse mundo proibido de brancuras e escuridões misteriosas, que não chego a ver bem com medo de que me vejam, não quero olhar, não resisto a olhar, não consegues gritar, é inútil

CUT-UP ENFOQUE NO BRANCO *no romance NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO*

[excertos recortados e colados por Regina Guimarães]

12.9.56

Cada vez **o romance** me parece mais a forma possível de uma realização completa. Cada vez o vejo mais como a forma superior, onde tudo culmina. Não esqueço o que há de superior, de culminante, de **único**, em cada uma das outras formas de arte. Nenhuma delas é, evidentemente, substituível por qualquer das outras. Mas se em alguma se pode arranjar equivalentes pelo menos sofríveis das outras, mantendo, contudo, um equilíbrio, uma impressão de unidade e de coisa completa, é no romance que a encontro. Em nada, na verdade, mergulho tanto e tão inteiramente. Nele cabe tanta coisa e tanto de cada coisa!

Mário Dionísio, *Passageiro Clandestino* (vol. 1)



Novembro 1973

Porque voltei, e agora quase exclusivamente, à pintura? [...] Talvez também porque, depois de *Não há morte nem princípio*, não tenho nada para dizer (pus lá tudo) e muito poucos terão chegado a ver o que lá está.

Mário Dionísio, *Passageiro Clandestino* (vol. 3)

9.2.74

Uma das coisas boas que a pintura tem é que cansa. Depois de muitas horas de trabalho, tantas vezes de pé – trabalho da cabeça, dos braços, do corpo todo – não há outras preocupações que persistam. A fadiga toma conta de nós de tal maneira que varre tudo para longe: deixar para ali os pincéis (sem os lavar...), estendermo-nos ao comprido, fechar os olhos, é a única ambição desse momento e é preciso ceder-lhe. Não há também paz semelhante à de ter concluído (sentir que chegou ao fim) um quadro. Não dá-lo por concluído, com coisas por resolver embora, mas enfim, já não lhe mexo mais. Falo de concluir-lo mesmo, de ter levado ao ponto extremo tudo o que nele foi nascendo de apelo e de explorável. Sem truques de qualquer espécie, honestamente. Nessa altura, o quadro atinge a sua unidade interior, despega-se de nós, sentimos que já não é nosso, a batalha acabou. Minto. Já senti essa mesma paz uma outra vez,

tal vez só essa vez: quando acabei (compreendi que acabara, depois de três anos de trabalho – e que trabalho! que absorção! Que tensão de exigência!) o *Não há morte nem princípio*. Fica-se então vazio mas sem tristeza, tranquilo, realmente feliz. (Por algum tempo, claro. Um mês, algumas horas.)

Mário Dionísio, *Passageiro Clandestino* (vol. 3)

Muito mais tarde, em 1988, Mário Dionísio falaria ele deste romance no programa «Elogio da Leitura» da RTP, numa entrevista a Isabel Baía:

«o que me interessava nesse livro era apresentar uma complexa rede de relações humanas baseada em muitos sectores sociais. O romance passa-se em meia hora (aqueelas 300 e não sei quantas páginas são meia hora) [...] – um aperto de mão que acaba não noutro aperto de mão, mas na compreensão de quem seria aquela pessoa que lhe estava a apertar a mão. A intriga começa por isso: um aperto de mão num cemitério, num funeral: um aperta a mão vigorosamente, o outro deixa apertar e trabalha a sua cabeça «quem será este indivíduo?» e através disso vem gente e gente [...]»

Esse livro hoje tem um certo interesse para mim porque tenho a impressão que já estava ali um pouco da explicação de muitas coisas que se passaram depois do 25 de Abril, que se estão a passar neste momento [...] e porquê, o regresso inteiro a coisas que se supunha que nunca mais voltariam, e que [digo que] estavam ali por isto: porque se via quanto era falso e apenas superficial o aspecto revolucionário de muitas pessoas que ao tempo (isto passa-se em pleno fascismo) se diziam pessoas aguerridíssimas, mas eu mostro ali como era a vida dessas pessoas, como é que elas reagiam, como é que de facto..., quais eram os seus ideais mais profundos.»

[das Notas de Eduarda Dionísio ao *Passageiro Clandestino* vol. 3]



Do outro lado do talude, 1973

«achas que há um princípio?»,
«claro que não há princípio, não há morte nem princípio, ou é sempre princípio, tudo isto vem de trás, continuará, mas para nós é como se houvesse um princípio, compreendes?, estaremos sempre no princípio, que não há»,
«até quando?»,
«não há quando também, não é isso que interessa»

Mário Dionísio, *Não há morte nem princípio*, 1969

**As palavras
e as cores
são indiscretas
e implacáveis**

Monólogo a várias vozes, 1976



«Este é o romance de um moralista no sentido em que se fala de escritores moralistas no séc. XVII em França e ainda na 1.ª metade do séc. XVIII. O moralista é aquele que observa e descreve comportamentos sociais. E que aqui observa um conjunto de pessoas que se conheceram e foram ou ainda são amigas. Algumas delas reencontram-se num cemitério, para esperarem o enterro de um dos seus.

É através do olhar e da consciência de um deles que esse grupo aparece sofrendo a passagem do tempo como uma desgastante decadência. É toda uma representação caleidoscópica das ligações, dos afectos, das crenças e valores, da persistência, como do abandono ou da desistência, da dissidência.

A questão da relação dos membros do grupo entre si inclui, neste mundo narrativo, a da sua relação com um outro grupo – um partido político que actua na clandestinidade e que se propõe transformar o mundo. Qualquer das duas situações, a da luta clandestina e o objectivo de transformação do mundo, implica um estado de grande tensão e uma forçosa passionalidade nas relações dos membros, em simultâneo, do grupo social e do grupo militante, entre si.»

Manuel Gusmão, *Não há morte nem princípio - Folhas do tempo que renasce e se ramifica* (Texto elaborado a partir da sessão de 23 de Setembro de 2010, incluída na série «Mário Dionísio, escritor» realizada mensalmente na Casa da Achada e reproduzido na reedição do romance pela Casa da Achada – Centro Mário Dionísio)

«O tempo parado construído no romance, é assim coerentemente subvertido por dentro a todos os níveis – desde as repetições textuais que afinal não o são exatamente, ao nível ficcional, onde, afinal, nada é o que parece. E é esta progressiva “abstratização” das personagens que acaba por pôr em evidência uma mensagem de transformação que ultrapassa largamente o universo romanesco, construindo simultaneamente uma imagem de tipo pictórico a lembrar quadros do pintor Mário Dionísio.»

Maria Eduarda Keating, «Não há morte nem princípio – Variações para um tempo de transição», comunicação no colóquio «Como uma pedra no silêncio» realizado em 2016 no centenário de Mário Dionísio

«Apesar de uma cada vez maior atenção e interesse pelas inovações que o conhecimento do romance estrangeiro lhe despertavam, particularmente o Nouveau Roman que, confessa, o ajudou «a sair de certo cansaço e desinteresse pelas formas tradicionais do romance», jamais Mário Dionísio deixou de reflectir no que escrevia, essa «expressão estética duma visão do mundo» que para ele era o Neo-Realismo, precisamente porque considerava que o facto de se considerar um escritor neo-realista não podia «ser indiferente a todas as inovações estéticas» que se iam elaborando por toda a parte e em diversas áreas ideológicas.»

José Manuel de Vasconcelos, «Compromisso e experimentação em *Não há morte nem princípio* de Mário Dionísio», comunicação no colóquio «Como uma pedra no silêncio» realizado em 2016 no centenário de Mário Dionísio

a névoa queima, toda brilhante por dentro, obriga-me a fechar os olhos, a ver a espuma subitamente vermelha, galgando por cima de rochas azuis, violetas, cor de fogo, que se deslocam, brandamente se chocam, se afunilam, morosamente recuam, se desfazem, começam a crescer de novo, a deslocar-se, a ser violetas, verdes, amarelas. Um cãozito negro aparece ali correndo, aproxima-se, ladra furiosamente, esganiçadamente, estaca a dois passos, ladra, volta para trás tão depressa como veio, a areia ficou branca, tudo se passa agora entre o branco e o cinzento, com vagas intromissões de um verde de alga em que os pés escorregam, com o sal a arder numa pequena ferida que se fez na véspera, quando andámos, muito cedo ainda, na vastidão feliz da maré baixa, sob um céu pouco alto de nuvens fofas e brancas, de rocha em rocha, de canivete em punho e os dedos gelados, esquadrinhando todas cavidades, todos os interstícios, à cata do mexilhão

Em breve também eu pintarei com barbatanas de plástico
latas velhas esquecidas no lixo da cidade pregos tinta negra aparas de borracha
sem amor nem desprezo lançarei vermelhos e amarelos com os olhos fechados
e num canto da tela inventarei com pedaços de Match ao acaso recortados
um engenho inquietante todo latas de graxa escovas um elástico
atirando bolinhas de pus ruidosamente musicais
à cara dos espectadores que não são eles
mas tu
e eu
e eles

Mário Dionísio, *Memória de um pintor desconhecido*, 1965



Setembro 2025